

## **Dilma no Jô: o papel do *talk show* e a crítica em uma sociedade polarizada**

### **Dilma's participation in Programa do Jô: the role of talk shows and criticism in a polarized society<sup>1</sup>**

*Júlia Lery*<sup>2</sup>

---

1 A primeira versão deste texto foi apresentada no seminário Polarizações, promovido pelo Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, de 3-5 de novembro de 2015.

2 Mestra em Comunicação Social pela PUC Minas e integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa. E-mail: [lery.julia@gmail.com](mailto:lery.julia@gmail.com).

### Resumo

A presença de Dilma Rousseff no Programa do Jô em um momento de crise econômica e de baixa popularidade causou uma repercussão negativa e discursos de ódio voltados não só para a figura da presidenta, mas também contra Jô Soares. Neste artigo estudamos, usando o gênero televisivo como categoria analítica, as interações produzidas por essa edição do programa a partir das promessas e expectativas geradas pelo *talk show* – que mais do que um formato televisivo é uma maneira de mediação. Analisamos, por esse viés, a descaracterização do programa que recebe Dilma Rousseff e as críticas negativas que repercutiram na mídia tradicional, nas redes sociais e até por meio de ameaça ao apresentador.

### Palavras-chave

*Talk show*, gêneros televisivos, Programa do Jô, Dilma Rousseff, crítica televisiva.

**Abstract**

Dilma Rousseff's presence in Programa do Jô in a time of economic crisis and low popularity caused a negative repercussion and hate speech directed not only to the president, but also against Jô Soares. Using the television genre as an analytical category, this article intends to study the interactions produced by her participation in the program considering the promises and expectations generated by the talk show – that more than a television format is a way of mediation. The point is to analyze, from this angle, a distortion of the TV program to interview Dilma Rousseff as well as the negative criticism that came from the traditional media, from social networks and even through a threat to the presenter.

**Keywords**

Talk show, television genre, Programa do Jô (TV show), Dilma Rousseff, television criticism.

No dia 12 de junho de 2015, dia em que foi ao ar o Programa do Jô que teve como entrevistada a presidenta Dilma Rousseff, o clima era de crise política. A última longa aparição da presidenta na televisão havia ocorrido em 8 de março, em um pronunciamento comemorativo do dia da mulher, e motivado painelaços como sinal de insatisfação entre seus opositores. Até o tradicional pronunciamento presidencial do dia do trabalho teve sua transmissão televisiva cancelada no ano de 2015, e circulou apenas pela internet<sup>3</sup> como forma de evitar esse tipo de manifestação contrária, que acontecia mesmo quando o Jornal Nacional da Rede Globo trazia pequenos trechos de falas da governante. O fim do silêncio de Dilma na televisão aconteceu, porém, não em forma de pronunciamento ou entrevista em um telejornal, mas com a participação da presidenta no Programa do Jô, *talk show* que está no ar pela Rede Globo desde o ano 2000<sup>4</sup>.

A proposta deste artigo é, portanto, analisar a aparição de Dilma no programa de Jô Soares, usando como operador crítico o conceito de gênero televisivo e os moldes do *talk show*. O que buscamos é uma avaliação dessa participação a partir das promessas estabelecidas pelo gênero, que funciona como um mediador e cria um sistema de expectativas acerca de um produto televisivo. Tentaremos, assim, compreender a relação entre as críticas direcionadas ao programa e a falha na operacionalidade dessa mediação, com a descaracterização da edição do dia 12 de junho de 2014 do Programa do Jô.

### **O *talk show* e as formas do Programa do Jô**

Para compreendermos o *talk show* e analisarmos suas características como lugar de discursos e como espaço de visibilidade midiática, é necessário que passemos pela ideia de gênero televisivo. O uso do conceito de gênero garante uma certa operacionalidade na análise de produtos televisivos – desde que se tenha em mente que o conceito deve ser aplicado para possibilitar o posterior estudo dos programas, e não como uma simples taxonomia que tende a se tornar infértil e taxativa. Através do reconhecimento das marcas discursivas compreendidas como pertencentes a um determinado gênero televisivo é possível que se pense sobre um sistema de expectativas gerado por um produto – sistema este que é acordado entre produtores e público a partir do momento em que o consumo do programa é precedido por uma classificação genérica.

3 G1. Dilma fala nessa sexta 1º de maio por meio de vídeos nas redes sociais. 01 de maio de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/05/dilma-fala-nesta-sexta-sobre-1-de-maio-por-meio-de-videos-nas-redes-sociais.html>. Acesso em: 04 jun. 2016.

4 O Programa do Jô pode ser entendido ainda, conforme será explicitado adiante, como uma continuidade de Jô Soares Onze e Meia, que foi exibido pelo SBT entre os anos de 1988 e 1999, devido à sua forma e conteúdo, e especialmente por causa da centralidade da figura de Jô Soares, que dá cara ao programa.

O *talk show*, além de ser compreendido como gênero híbrido de informação e entretenimento, tem características e matrizes culturais inerentes que o diferem de outros produtos classificados como *infotainment*. Ele obedece a uma lógica própria de consagração de famosos e regulação dos regimes de visibilidade midiáticos, sendo parte de um modelo de retroalimentação da fama: ao mesmo tempo em que o programa depende das celebridades para ter audiência, ele funciona como espaço em que essas celebridades são vistas e realizam a manutenção de seus *status*.

Para Fernanda Silva (2009), os primeiros *talk shows* que surgiram nos Estados Unidos tinham a intenção de educar a população:

Nesses casos, os *talk shows* eram tidos como representantes do campo jornalístico, comprometidos com o interesse público, a dimensão da vigilância e com a esfera pública num sentido mais habermasiano. (...) os *talk shows* viveram a fase do “debate cortês”, cuja finalidade era educar a população. Para isso, políticos, representantes de organizações, jornalistas e professores compartilhavam seu conhecimento a fim de ampliar o repertório cultural da audiência (SILVA, 2009, p. 2).

Segundo a autora, as crescentes hibridações do *talk show* com o entretenimento vieram em um segundo momento, por afetação de outros programas que compunham a grade de programação das emissoras. O entretenimento passa, então, a se fazer mais presente no *talk show* por influência do fluxo televisivo, que, de certa forma, uniformiza os programas. O hibridismo com programas de variedades trouxe apresentadores-estrelas do *stand-up comedy*, gênero de comédia teatral, para as bancadas da televisão. Os jogos, desafios e até gincanas se tornam mais comuns nos roteiros, mostrando influências dos programas de *games*. As entrevistas, embora continuem sendo elementos centrais no *talk show*, têm nova função: já não se busca a formação do público através de comentários qualificados, mas a divulgação de artistas, a promoção do *star system* e o divertimento dos espectadores. Essa entrevista, que inicialmente definia o gênero *talk show*, hoje é apenas um dos seus núcleos.

No Brasil, a chegada desse gênero que mistura humor e entrevistas se deu na segunda metade da década de 1980, com a importação do modelo estadunidense. Embora a importância do *talk show* em um momento de redemocratização tenha sido amplamente reconhecida pela crítica (SILVA, 2013), dada a relevância do livre debate de ideias naquele contexto político, o gênero nunca chegou a se confundir com o programa de entrevistas – este segundo pertencente ao gênero jornalístico.

No Brasil, a ligação histórica entre os programas de entrevista e as questões políticas como forma de abrir espaço para discussão de assuntos proibidos ao jornalismo em tempos de censura nos leva a reconhecer socialmente os programas de entrevista como um subgênero do telejornalismo, reservando ao *talk show* um lugar mais próximo à esfera do entretenimento – a ênfase no entretenimento que o termo *show* convoca para nós é central na disputa de valor e reconhecimento entre programas de entrevista e *talk shows* (GOMES; ARAÚJO, 2015, p. 177).

Jô Soares Onze e Meia<sup>5</sup>, primeiro programa de *talk show* a se popularizar no Brasil, foi aclamado pela crítica e pelo público. Apontava-se especialmente a qualidade do que parecia ser “o elemento central do gênero [*talk show*] – a informação com humor” (SILVA, 2009, p. 6). Além disso, o programa estava em alguma conformidade com o telejornalismo. Buscava-se, por meio da credibilidade da figura de Jô Soares, e também de convidados que eram pouco explorados midiaticamente até então, mas que tinham algo a acrescentar na discussão política, um tipo de aprofundamento – leve e bem humorado, porém crítico – nos assuntos dos telejornais.

As características que dão forma ao programa se mantiveram mesmo com a mudança de emissora e de nome do *talk show* apresentado por Jô Soares, de Jô Soares Onze e Meia para Programa do Jô. Uma série de piadas em estilo *stand-up* fazem uma introdução ao programa, que continua com uma entrevista a algum famoso: um ator, um músico, um humorista, um esportista, um profissional de outras áreas que tenha conquistado visibilidade midiática e, eventualmente, algum nome que esteja em evidência na política. A participação no programa de Jô Soares é apontada por alguns artistas como um ritual de iniciação no mundo da fama, bem como reconhecimento importante à sua manutenção nesse universo. É comum ouvirmos pessoas dizerem que sonham em serem entrevistadas pelo Gordo, como se isso atestasse seu sucesso profissional. Comentários espirituosos feitos por Jô Soares, sentado em uma bancada de lado para o entrevistado no sofá, causam um efeito cômico às entrevistas, que na maior parte das vezes não é derrisório e nem ligado ao escárnio. O apresentador é reconhecido pela crítica como alguém muito elegante ao fazer humor, raramente ofendendo seus entrevistados ou público. A maior parte da graça fica por conta de casos anedóticos contados pelos entrevistados, que, mostrando um *briefing* rigoroso feito pela produção, Jô Soares solicita através de deixas para que os convidados falem de determinado assunto.

---

5 No ar pelo SBT de 1988 a 1999. Em 2000 Jô Soares foi contratado pela Rede Globo e deu continuidade à apresentação de um *talk show* diário, então renomeado Programa do Jô, que continua no ar até 2016.

Tanto apresentador quanto entrevistado ficam o tempo todo virados para uma plateia, que é convidada a se manifestar em alguns momentos: quando Jô Soares faz uma piada, a plateia ri; quando algum entrevistado encena ou canta, a plateia aplaude; quando apresentador e entrevistado querem constatar a maneira como o público pensa, convocam a plateia e promovem enquetes entre aquelas pessoas. A plateia é a representação do público no estúdio: as câmeras se posicionam de modo que o espectador da televisão tenha um ângulo de visão parecido com o dos integrantes da plateia. A presença dessa parcela do público no momento da gravação estimula a teatralidade do apresentador, que antes de ser um entrevistador, é um humorista. O grupo de *jazz* que acompanha Jô Soares toca na abertura e no final, e faz trilhas sonoras quando solicitado, “para criar um clima” a determinadas falas.

Essas características básicas permitem a identificação do programa como pertencente ao gênero dos *talk shows*, mas também trazem algumas especificidades que se dão por causa do forte personalismo e liberdade criativa e interpretativa do apresentador – algo que Gomes e Araújo (2015) identificam como particularidade do gênero. O estilo de Jô Soares é marcante: do texto ao figurino, as interrupções, a locução, a expressão de opiniões e gostos pessoais (que são tomados como curiosidades sobre sua figura), a postura íntima frente aos entrevistados, o nome do apresentador como parte do nome do programa, tudo isso aponta para o fato de que Jô Soares é uma personalidade centralizadora naquele ambiente. O logotipo do Programa do Jô da Rede Globo é o nome do apresentador em letras gordas, formando uma lua: um grande astro que se destaca entre as muitas estrelas o cercam.

### **Dilma no Jô**

No Programa do Jô do dia 12 de junho de 2015, porém, não há cenário. Não há a grande lua de Jô Soares no alto do estúdio, porque não há sequer estúdio. O programa especial gravado com Dilma Rousseff se passou na biblioteca do Palácio do Planalto, e o apresentador se deslocou até Brasília para fazer a entrevista. Em vez de se sentar no sofá do Programa do Jô, Dilma grava a entrevista em uma cadeira, atrás de uma mesa, em posição igual à do apresentador. Apenas as tradicionais canecas do programa em cima da mesa identificam se tratar do *talk show*. As gravatas borboletas, os pulôveres extravagantes e os lenços coloridos que Jô Soares costuma usar no bolso dão lugar a um terno mais sóbrio, preto, com camisa e gravata cinzas. Não há monólogo com piadas na abertura, como acontece em todos os programas feitos no estúdio. O clima, porém, é amigável para a presidenta: o primeiro movimento do entrevistador foi dizer que tinha ganhado

“fama de petista fanático” por defendê-la no quadro Meninas do Jô, em que ele e as jornalistas Cristina Serra, Lillian Witte Fibe, Cristiana Lôbo, Ana Maria Tahan, Natuza Nery e Lúcia Hippolito (alternadamente, em grupos de quatro) discutem temas políticos.

A condução da entrevista segue como é comum nos *talk shows*: o apresentador fala um pouco sobre tê-la entrevistado em um outro momento e aborda uma questão biográfica sobre a entrevistada, dando uma deixa para que ela conte um caso anedótico sobre si, anteriormente combinado em um *briefing*. Jô Soares pede então que a presidenta conte a “história da bíblia”, de quando estava presa pelo regime militar. O entrevistador escuta com atenção e ajuda Dilma a encontrar palavras nos momentos em que ela gagueja. Não satisfeito com a parte da história contada, neutra e pouco pessoal, o apresentador insiste. Dilma por fim conta toda a história de como convenceu o guarda das celas a levar a bíblia para todos os presos que queriam lê-la.

Entre as perguntas políticas, que abordam a crise econômica, o dólar e os ajustes fiscais, Jô Soares tenta dar um tom mais pessoal e biográfico à entrevista. Pergunta à presidenta se ela tem pavio curto, se fica triste com as críticas que tem recebido (e quando ela finalmente admite que sim, o apresentador afirma “eu também”), e faz algumas piadas. “Olhando para Eduardo Cunha e Ranan Calheiros a gente sabe que de cara feia você não tem medo. O que te amedronta?”, pergunta Jô Soares. A ausência da plateia é incômoda neste momento: como Dilma não ri, mas se prepara para responder a pergunta que lhe foi direcionada, a piada parece fora do lugar, mesmo que seja característica do *talk show* tratar dos assuntos atuais com uma dose de humor.

Embora deixe a presidenta responder livremente, sem pressão de tempo ou interrupções, Jô Soares rejeita as tentativas de Dilma de tomar frente da entrevista. Em uma resposta a outra pergunta, a entrevistada começou a falar sobre a saúde pública no Brasil, mas Jô a interrompe e diz que vai abordar a saúde depois. Ela insiste: “vamos abordar agora?”. Ele calmamente responde que não, porque vai fazer um *break*. Antes do dito *break*, ainda faz uma piada e uma pergunta sobre Michel Temer à frente da articulação política do governo (“ele foi escolhido pela habilidade política ou pela aparência?”).

O estranhamento causado pela aparição da presidenta em um *talk show* e não em um telejornal ou pronunciamento oficial talvez tenha se dado mais pelo momento de acirramento crise política do que pelo cargo que ocupa ou pela crise econômica. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, é presença constante nos sofás de *talk shows* no país. Em 2009, auge da crise econômica no país, Obama foi o primeiro presidente estadunidense a participar de um *talk show* durante o

mandato. Mesmo no Brasil, não foi novidade a presença de um presidente da República entre os entrevistados de um *talk show*. O próprio Jô Soares lembra<sup>6</sup> que entrevistou Fernando Henrique Cardoso também em um período conturbado: na época em que ele tentava passar no congresso a emenda constitucional da reeleição, que permitiria que ele se candidatasse à presidência novamente.

O deslocamento dos assuntos políticos para os biográficos promovido pelos *talk shows* é, de fato, uma estratégia propícia para a comunicação de políticos em momentos de crise, o que justifica a escolha feita pela equipe de comunicação do governo. O Programa do Jô cria um ambiente favorável, desde o horário que ocupa na grade, que evita panelaços, até o tom costumeiramente amigável do entrevistador. No segundo mandato de Dilma Rousseff, em que o ajuste econômico e as concessões em nome da governabilidade permitem que se veja no governo muito pouco da ideologia de esquerda que a elegeu, os relatos sobre a vida da presidenta e sobre o momento em que ela foi presa lutando pela redemocratização do país resgatam uma imagem favorável e que condiz com a que seus eleitores buscam. Quando as ações políticas atuais não falam em nome da ideologia afirmada, o resgate do passado vem em boa hora.

O *briefing* aprofundado característico da produção do *talk show* também é favorável para a estratégia dos responsáveis pela comunicação do governo, pois evita perguntas-surpresa. Nesse gênero de programa, híbrido de entretenimento, uma boa história vale mais do que uma resposta despreparada. As perguntas são previamente acordadas para que se consiga extrair o máximo da entrevista: um bom desempenho tanto do apresentador quanto do convidado são positivos para o produto final. Não se busca o dissenso ou o embate de ideias, como em um programa de entrevista, mas uma conversa agradável que exponha pontos de vista, mas principalmente que seja descontraída e sirva para entreter, com piadas, casos anedóticos e incursões a curiosidades da biografia do entrevistado.

O clima de consenso prescrito pelo formato e respeitado por Jô Soares na entrevista com Dilma Rousseff, porém, foi muito mal recebido por parte do público. Se faz necessário, portanto, que se compreenda o que leva à criação de novas expectativas a respeito do tom adotado por Jô Soares no programa quando a entrevistada é a presidenta. Por que não se esperava o usual tom ameno?

É possível que a descaracterização visual do programa e do gênero tenha influenciado no que os espectadores esperam do programa. A biblioteca do Planalto transformada em estúdio é o mesmo cenário em que a presidenta foi entrevistada por William Bonner e Patrícia Poeta na ocasião em que era candidata à reeleição.

<sup>6</sup> No quadro Meninas do Jô do dia 17 de junho de 2015.

Naquela série de entrevistas aos candidatos, os jornalistas optaram por muitos confrontos, limite rígido de tempo (prescrito pelo TSE para que todos tivessem o mesmo espaço), interrupções e abordagem do escândalo político como valor-notícia. Assim como nessas entrevistas do Jornal Nacional em 2014, a interpretação hegemônica da crise econômica e política na grande mídia tem tendido a se voltar para a questão do escândalo. A mudança de entrevistador e de programa, mas não de *mise-en-scène* ou de emissora, acabou por se revelar muito sutil. A figura de Jô Soares, tão centralizadora em seu programa, aparece de forma diferente no cenário improvisado no Planalto. Enquanto atrás de sua bancada o apresentador aparece orquestrando um *show* (como fica claro no momento de abertura do programa quando, em um gesto, Jô Soares faz com que a banda pare de tocar), na mesa ao lado de Dilma ele fica menor – até em estatura.

Com o abandono do *stand-up comedy* na abertura dessa edição do Programa do Jô, o ar de seriedade colaborava para a descaracterização do *talk show*. A ausência da banda e da plateia também foi sentida. A banda por ser responsável por boa parte da carga de entretenimento do programa e pela trilha sonora dos momentos de dramatização: sem ela, a entrevista parece seca e muito jornalística. A plateia por seu papel legitimador. Ela funciona como uma amostra da audiência, com a qual se pode interagir. Sua aprovação ao que está sendo discutido, que é quase que incondicional, já que em geral o público convidado do estúdio se mostra bastante dócil, é manifesta por aplausos, risos e alguns comentários, e funciona como uma manifestação de condescendência do espectador.

Sem esses elementos, o *talk show* acaba por ser descaracterizado. O gênero não se define apenas pelo bate-papo (embora este núcleo seja importante) mas também, e em grande parte, por todos os aspectos fixos que constituem o programa: cenário, monólogo, piadas, banda, plateia. Neste momento, o que se observa é uma falha do gênero: as alterações drásticas promovidas no programa para a entrevista com Dilma Rousseff aparentemente alteraram o sistema de expectativas que rege a recepção.

### Críticas e aceitação

Não houve panelaço durante a entrevista de Jô Soares com a presidenta, que ocorreu na madrugada do dia dos namorados. A *hashtag* #DilmaNoJô esteve entre os *trending topics* do *twitter* durante a exibição do programa. Mesmo que Jô Soares tenha feito uma avaliação positiva da repercussão do programa em entrevista à Folha de S. Paulo<sup>7</sup>, as críticas mais duras não tardaram a aparecer, especialmente direcionadas para a figura do apresentador – e não, como seria de se esperar, à escolha de Dilma e sua equipe pela aparição em um programa de entretenimento.

<sup>7</sup> Lígia Mesquita e Mônica Bergamo. "Intelectualmente sou anarquista" diz Jô Soares sobre entrevista com Dilma. *Folha de S. Paulo*, 16 de junho de 2015.

O tom ameno adotado na entrevista, embora comum no *talk show* e condizente com o estilo de Jô Soares, foi o maior alvo de críticas. Quase todos os blogueiros da revista *Veja* trouxeram essa questão, enfatizando especialmente a revolta de seus leitores, em nome dos quais afirmavam falar. Reinaldo Azevedo<sup>8</sup> escreveu uma coluna questionando a afirmação de Jô Soares de que o resultado das eleições precisava ser respeitado; Celso Arnaldo, em espaço na coluna do Augusto Nunes, afirmava que Jô Soares sempre tinha sido um mau entrevistador<sup>9</sup>; Felipe Moura Brasil<sup>10</sup> trazia uma coluna que reunia todos os seus *twitts* na noite de 12 de junho, entre os quais afirmava que Dilma era uma guerrilheira comunista e que Jô Soares estava marcando o fim de sua carreira com aquela entrevista; o blog *Pop! Pop! Pop!*<sup>11</sup>, único que usualmente se dedica a crítica televisiva, trouxe o vídeo de um momento de gafe de Dilma, em que ela se dirige a Jô Soares como João (o nome do apresentador é José) e juntou *twitts* que criticavam o desempenho da presidenta e do apresentador, desde os que foram postados por perfis falsos com muitos seguidores, como @OCriador (perfil falso de Deus), passando pelas contas de algumas celebridades, até opiniões de pessoas comuns, anônimas, que têm poucos seguidores na rede social.

No Facebook, circularam memes<sup>12</sup> (Fig. 1 e Fig. 2) satirizando Jô Soares e a entrevista com Dilma. Tomamos dois deles como exemplo para uma análise mais detalhada. O *meme* que traz a foto de Jô Soares beijando a mão de Dilma (Fig. 1) afirma que todo tirano medieval tinha um bobo da corte para cortejá-lo em tempo de guerra e miséria. À parte o fato do bobo da corte ser uma figura identificada hoje por historiadores como o único responsável pelos momentos de franqueza e verdade para com o rei, revestido pela máscara da loucura e do riso (MINOIS, 2003), vamos analisar primeiro a presumida intenção derrisória da imagem: a ideia é rebaixar a figura do entrevistador, considerando-o submisso à entrevistada, bem como comparar de maneira hiperbólica (mas nem por isso menos importante) Dilma a um monarca tirano e medieval, e a crise econômica com tempos de miséria e guerra.

8 Reinaldo Azevedo. Dilma e Jô Soares: Na democracia absurdo é ficar calado diante dos descabros. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dilma-e-jo-soares-na-democracia-absurdo-e-ficar-calado-diante-dos-descabros/>. Acesso em: 04 jun. 2016.

9 Celso Arnaldo. Jô Soares volta ao humor com programa Viva a Dilma. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/direto-ao-ponto/celso-arnaldo-jo-soares-volta-ao-humor-com-o-programa-viva-a-dilma-a-presidenta-que-nao-sabe-responder-recebe-o-entrevistador-que-nao-sabe-perguntar-e-enfim-descobre-o-paradeiro-do-cachorro-ocu/>. Acesso em: 04 jun. 2016.

10 Felipe Moura Brasil. O horário eleitoral de Dilma disfarçado de Programa do Jô. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2015/06/13/o-horario-eleitoral-de-dilma-disfarçado-de-programa-do-jo/>. Acesso em: 04 jun. 2016.

11 Veja SP. Entrevista de Dilma a Jô Soares rende piadas e críticas na internet. <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/06/13/dilma-jo-soares-gafe-piadas/>. Acesso em: 04 jun. 2016.

12 Termo muito utilizado na internet para se referir a um conteúdo que viraliza, sendo reproduzido e se espalhando pela rede.

O apagamento do sistema democrático que elegeu a presidenta ocorre quando ela é comparada a um rei, cujo direito ao governo eram assegurados por laços sanguíneos e direito divino. Sobre a figura de Jô Soares, a ideia parece ser diminuí-lo, considerando-o bobo ou ingênuo, mas quem criou a imagem foi traído pela escolha das palavras: o papel de bobo da corte, de “contrapartida à exaltação do poder, porque ele é o único que pode dizer tudo ao rei” (MINOIS, 2003, p. 231), parece uma função muito apropriada para um apresentador de *talk show*.

Todo reino tirano da Idade Média  
 tinha seu bobo da corte, que  
 cortejava a Rainha mesmo em  
 tempos de miséria e guerra



13/06/15 02:17

Figura 1: Meme chamando Jô Soares de bobo da corte e Dilma de tirana. Fonte: facebook.com busca por #DilmaNoJô.

O segundo *meme* a ser analisado (Fig. 2) é o que simula um obituário de Jô Soares, afirmando que o apresentador sofreu um “infarto agudo de credibilidade”. O texto, que circula junto com uma fotografia de Jô, afirma uma longa deterioração da carreira do entrevistador como uma maneira de afrontá-lo pessoalmente, e compara a entrevista com Dilma à sua morte. Afirma ainda que ele trabalhava em um projeto “bem remunerado, apesar de polêmico e contrário ao interesse público”. O texto, embora irônico, indica a incompreensão de parte do público acerca dos valores de noticiabilidade e visibilidade que regem a televisão: o *talk show* se apoia na visibilidade de seus entrevistados, e por isso uma entrevista com

a presidenta não precisa ser diretamente remunerada para ser relevante. O *talk show* é pautado por uma lógica própria do infotimento identificada por Fabiana Moraes da Silva (2008): passa-se a abrir mão da necessidade de que uma notícia “aconteça”, e os próprios fatos gerados pela mídia se tornam notícias. No caso do *talk show*, a presença de alguém célebre naquela edição do programa é razão suficiente para que a entrevista se realize. Alguém que ocupa o cargo de chefe do poder executivo no Brasil certamente preenche o requisito – mesmo que em um momento de baixa popularidade.

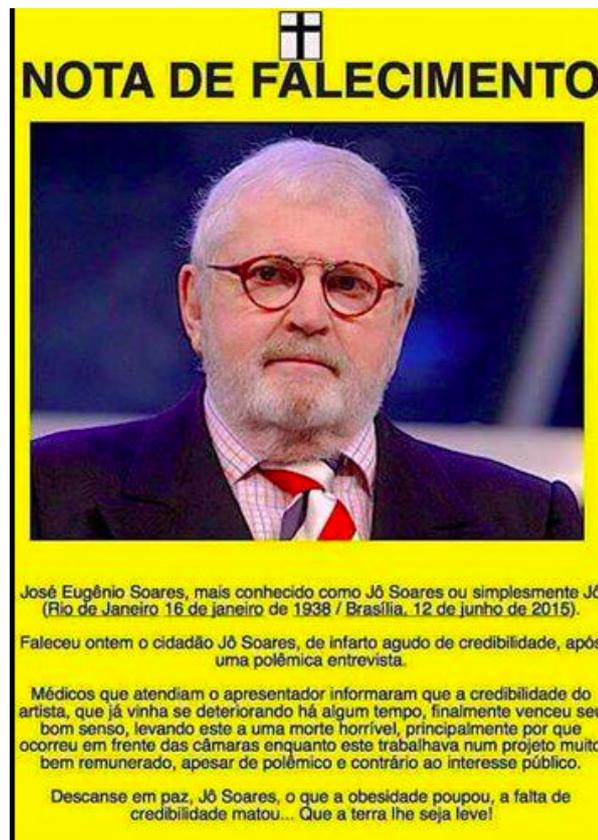


Figura 2: Meme obituário Jô Soares. Fonte: facebook.com busca por #DilmaNoJô.

Na mesma linha de remeter à morte do apresentador – embora de maneira bem menos humorística –, a rua em que mora Jô Soares foi pichada com os dizeres “Jô Soares morra” uma semana depois da entrevista com Dilma Rousseff (Fig. 3), mostrando como uma parcela do público direcionou para o apresentador, depois da entrevista, parte do ódio que se fez em torno da figura da presidenta. Posteriormente, no Programa do Jô do dia 24 de junho, Jô Soares abordou a questão da pichação, inicialmente ironizando e dizendo que aquilo assustou apenas as crianças do bairro, para as quais ele se justificou dizendo que estava envolvido em uma “briga de torcidas”, e depois pontuando a seriedade do tema e lembrando das

ameaças que sofreu no período militar pelo Comando de Caça aos Comunistas<sup>13</sup>, que entrou em sua casa.



Figura 3: Pichação na rua em que mora Jô Soares. Fonte: [www.politica.estadao.com.br/](http://www.politica.estadao.com.br/).

Por fim, para empreender uma análise das críticas direcionadas a Jô Soares por causa da entrevista com Dilma, é relevante observar o vídeo lançado na internet por Danilo Gentili, apresentador do *talk show* concorrente (The Noite, do SBT), parodiando a entrevista com a presidenta. Gentili editou as imagens da entrevista, colocando-se no lugar de Jô Soares, cortando e montando trechos da fala da presidenta, fazendo parecer que ela respondia a suas perguntas. O vídeo leva o título de "Entrevista histórica com Dilma Rousseff" e está dividido nas partes 1, 2 e 3, veiculadas no canal de Danilo Gentili no YouTube. A parte 1 tem aproximadamente 57.500 visualizações<sup>14</sup> no canal de Gentili, e mais de 46.800 no canal de Felipe Moura Brasil, blogueiro da revista Veja que divulgou o vídeo sob o título de "Aguardando a censura" e prometendo "uma entrevista mais sincera com a petista" – em detrimento do fato de não ser Dilma a responsável pelas respostas, mas a própria edição da peça, que recortou e descontextualizou suas falas para obter um efeito cômico.

As críticas de Danilo Gentili, feitas por meio de sátiras, foram direcionadas especialmente ao tom das perguntas de Jô Soares. Em sua versão da entrevista,

<sup>13</sup> Organização paramilitar favorável à ditadura e responsabilizada por diversos homicídios, especialmente entre os anos de 1968 e 1969.

<sup>14</sup> Números do dia 8 de outubro de 2015.

Gentili adota um tom diferente, debochado, quando se volta para sua “entrevistada”: a imagem editada da presidenta. A ideia que o vídeo passa é de que a derrisão, a espetacularização de temas da vida privada e o confronto constante são necessários para que uma entrevista seja, conforme definiu Felipe Moura Brasil, “sincera”. As piadas de Gentili apontam para as diversas críticas que ele faz à presidenta: desde o fato de ela ser mulher (o que fica claro quando o humorista decide chamá-la de “senhor presidente”), passando pela “acusação” de que ela seria ateia e pela sugestão de que seria também bissexual. Com relação à forma da entrevista feita por Jô Soares, a paródia de Gentili critica a ausência de afrontas e o espaço dado para que Dilma se promovesse, contando um caso anedótico sobre a leitura da bíblia – segundo Gentili, uma orientação dos marqueteiros para tentar melhorar a popularidade. A questão da vida particular só interessaria, portanto, se fosse voltada para o escândalo e para a derrisão.

Essa postura de confronto não é, porém, adotada por Danilo Gentili em seu próprio *talk show* (LERY, 2015), o que confirma sua inadequação ao formato. *The Noite* é um programa com muitas encenações, *stand-up comedy* e entrevistas que normalmente servem à divulgação de um trabalho artístico, de um programa da emissora ou de alguma celebridade, mas com muito pouco confronto de opiniões. O uso de casos anedóticos para o entretenimento e para a promoção dos entrevistados é igualmente comum. O recorte ideológico se dá, em geral, no momento da escolha dos entrevistados, e não durante a entrevista, que tende a ter um tom consensual.

### **Algumas considerações**

A própria análise do programa *The Noite*, apresentado por Danilo Gentili, que satirizou a entrevista de Jô Soares com Dilma Rousseff, aponta para a questão central defendida neste artigo: o tom abordado por Jô Soares na entrevista com Dilma Rousseff, embora muito criticado, é característico, além do estilo pessoal de Jô, do gênero do programa que ele apresenta. Em um momento de forte polarização entre os defensores de Dilma Rousseff e a oposição, uma entrevista à presidenta em tom moderado pode, por vezes, ser considerada uma afronta.

A descaracterização do Programa do Jô no momento da entrevista com Dilma também parece ter tido alguma influência na promessa que o gênero faz aos espectadores: o sistema de expectativas prescrito pelo *talk show* falhou, uma vez que apenas o horário, a figura de Jô Soares e uma vinheta de abertura existiam para sustentá-lo. Um grupo de espectadores certamente esperava de Jô Soares

uma postura diferente da que ele adota na apresentação do programa em outras ocasiões, e é possível que isso se dê (ou ao menos seja reforçado) pela ruptura entre essa edição e as outras do Programa do Jô, imposta pela ausência do cenário, do monólogo, da plateia e da banda.

É possível indicar ainda a forte personalização *do talk show* e a centralidade da figura de Jô Soares como responsáveis, ao menos em parte, pelo direcionamento das críticas não só à presidenta, mas também ao entrevistador. É atribuída à figura do apresentador de *talk show* uma liberdade intelectual e crítica, e portanto a responsabilidade sobre o entrevistado recai sobre ele. As ofensas pessoais e o discurso de ódio contra Jô Soares são também, de certa forma, um reconhecimento de seu papel centralizador no programa, e portanto uma imputação por contrariar a parte do público que se opõe ao governo.

## Referências

GOMES, I.; ARAÚJO, V. "Ai que infortúnio! Disputas de gênero em um produto da indústria pop". In: SÁ, S. P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. (Orgs.). *Cultura pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

LERY, J. "(Não) é só uma piada: cinismo, ironia e entretenimento nos *talk shows* *The Noite* e *Agora é Tarde*". Belo Horizonte: PUC Minas, 2015. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação e Artes, Belo Horizonte, 2015.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SILVA, F. M. "A não-notícia, um produto do infotimento". *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Ano V, n. 1, jan.-jun. 2008, p. 99-108.

SILVA, F. M. "Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento". In: *E-compós*, Brasília, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2009.

SILVA, F. M. "Marcos históricos do *talk show* no Brasil: uma análise dos programas Globo Gente e Jô Soares Onze e Meia". *Galáxia*, n. 25, jun. 2013, p. 123-134.

WILLIAMS, R. *Television*. London, New York: Routledge, 2003.

## Referências audiovisuais

DILMA ROUSSEFF. Programa do Jô. Rede Globo, 12 de junho de 2015. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/programa-do-jo-programa-de-sexta-feira-dia-12062015-na-integra/4250020/>. Acesso em: 04 jun. 2016.

MENINAS DO JÔ. Programa do Jô. Rede Globo, 17 junho de 2015. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/programa-do-jo-programa-de-quarta-feira-dia-17062015-na-integra/4260691/>. Acesso em: 04 jun. 2016.

MENINAS DO JÔ. Programa do Jô. Rede Globo, 24 de junho de 2015. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/programa-do-jo-programa-de-quarta-feira-dia-24062015-na-integra/4276766/>. Acesso em: 04 jun. 2016.

DANILO GENTILI. Entrevista Histórica com Dilma Rousseff parte 1. YouTube, 18 de junho de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xjTDHMLFpUw>. Acesso em: 04 jun. 2016.

submetido em: 20 jan. 2016 | aprovado em: 04 mai. 2016